

JOHN
BOYNE

AS FÚRIAS
INVISÍVEIS
DO CORAÇÃO

Tradução
LUIZ A. DE ARAÚJO



Copyright © 2017 by John Boyne

Todos os direitos mundiais reservados ao proprietário.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Heart's Invisible Furies

Capa
Estúdio Bogotá

Foto de capa
Alejandro Escamilla/ Unsplash

Preparação
Ana Cecília Agua de Melo

Revisão
Angela das Neves
Nina Rizzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Boyne, John
As fúrias invisíveis do coração / John Boyne ; tradução Luiz A. de Araújo. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: The Heart's Invisible Furies.
ISBN 978-85-359-2977-5

1. Ficção irlandesa 1. Título.

17-06579

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Sumário

PARTE I: VERGONHA

- 1945: A estranha no ninho, 13
- 1952: A vulgaridade da popularidade, 54
- 1959: O sigilo do confessionário, 103
- 1966: Na casa dos répteis, 166
- 1973: Mantendo o diabo à distância, 226

PARTE II: EXÍLIO

- 1980: No anexo secreto, 291
- 1987: O paciente 741, 331

PARTE III: PAZ

- 1994: Pais e filhos, 393
- 2001: A dor do membro fantasma, 455
- 2008: A Internauta Grisalha, 498

EPÍLOGO — 2015: Longe do porto, em alto-mar, 519
Agradecimentos, 535

“Será que eu sou a única pessoa que acha que o mundo está ficando cada dia mais repulsivo?”, perguntou Marigold, olhando para o marido, Christopher, à mesa do café da manhã.

“Na verdade”, respondeu ele, “eu penso que...”

“Foi uma pergunta retórica”, atalhou Marigold, acendendo um cigarro, o sexto daquele dia. “Por favor, não se dê ao trabalho de opinar.”

Maude Avery, *Como a cotovia*
(The Vico Press, 1950)

PARTE I
VERGONHA

1945:
A estranha no ninho

O BOM POVO DE GOLEEN

Muito tempo antes que descobríssemos que ele tinha dois filhos com mulheres diferentes, um em Drimoleague e o outro em Clonakilty, o padre James Monroe usou o altar da igreja de Nossa Senhora, Estrela do Mar, paróquia de Goleen, West Cork, para denunciar a minha mãe como puta.

A família toda estava instalada no segundo banco; no corredor, o meu avô lustrava com o lenço a placa de bronze em memória de seus pais pregada na madeira diante dele. Vestia o terno dominguero passado na noite anterior pela minha avó, que, torcendo as contas de jaspe do rosário entre os dedos tortos, ficou movendo os lábios em silêncio até que ele pousasse a mão na dela e a mandasse parar. Os meus seis tios, todos de cabelo escuro e engomado de brilhantina com cheiro de rosa, estavam sentados perto dela em ordem ascendente de idade e estupidez. Cada qual era dois centímetros mais baixo que o vizinho, e a disparidade ficava bem visível pelas costas. Foi à custa de muito esforço que eles acordaram naquela manhã; tinha havido baile na véspera, em Skull, e todos voltaram encharcados de bebida, dormiram umas poucas horas até que o pai os despertasse para a missa.

No fim da fila, debaixo da décima estação da via-crúcis entalhada em madeira, achava-se a minha mãe, a barriga tremendo de medo do que estava por vir. Não se atrevia a erguer a vista.

A missa começou da maneira típica, ela me contou, o padre a despejar os enfadonhos ritos introdutórios e a congregação a desafinar o *kyrie*. William Finney, um vizinho da mamãe em Ballydevlin, desfilou cheio de pompa até o púlpito para fazer a primeira e a segunda leituras litúrgicas, pigarreando bem perto do microfone antes de pronunciar cada palavra com uma intensidade tão dramática que era como se estivesse represen-

tando no palco do Abbey Theatre. O padre Monroe, transpirando visivelmente sob o peso dos paramentos e a intensidade da sua raiva, prosseguiu com a aclamação e o evangelho antes de convidar todos a se sentarem, e os três coroinhas de bochechas coradas correram para os bancos laterais, entreolhando-se com excitação. Talvez tivessem lido as anotações do padre na sacristia ou quem sabe o ouviram ensaiar as palavras enquanto enfiava a batina pela cabeça. Ou vai ver que simplesmente sabiam do que a残酷dade humana era capaz e estavam contentes porque, daquela vez, iriam sair ilesos.

“A minha família é toda de Goleen até onde chegam os registros”, ele começou, olhando atentamente para as cento e cinquenta cabeças erguidas e uma única baixa. “Certa vez, ouvi um boato terrível de que o meu tetra-vô tinha família em Bantry, mas nunca vi prova disso.” Riso elogioso da congregação; um pouco de intolerância bairrista não faz mal a ninguém. “A minha mãe”, prosseguiu ele, “uma boa mulher, adorava esta paróquia. Desceu à sepultura sem nunca ter se afastado mais que alguns quilômetros quadrados de West Cork e não se arrependeu disso um só instante. *Gente boa mora aqui*, sempre dizia. *Gente boa, honesta, católica*. E sabem de uma coisa, eu nunca tive motivo para duvidar dela. Até o dia de hoje.”

Um frêmito percorreu a igreja.

“Até o dia de hoje”, repetiu o padre Monroe devagar, sacudindo a cabeça com tristeza. “Catherine Goggin está presente?” Olhou à sua volta como se não tivesse ideia de onde localizá-la, muito embora fizesse dezesseis anos que ela ocupava o mesmíssimo lugar toda manhã de domingo. Instantaneamente, todos os homens, mulheres e crianças viraram a cabeça na direção dela. Todos, menos o meu avô e os seis tios, que não hesitaram em continuar olhando para a frente, e a minha avó, que baixou a dela assim que a mamãe levantou a sua numa gangorra de vergonha.

“Você está aí, Catherine Goggin”, sorriu o padre, chamando-a para a frente com um gesto. “Venha para perto de mim como uma boa moça.”

A minha mãe se levantou vagarosamente e foi para o altar, lugar do qual só se aproximava para comungar. Não estava ruborizada, contou-me anos depois, estava pálida. Naquele dia, fazia calor na igreja, o calor pegajoso do verão e o da respiração dos paroquianos agitados, e ela sentiu os pés vacilarem, receou desmaiar e ficar largada no piso de mármore para definhlar e apodrecer como exemplo para as outras garotas da sua idade. Olhou, nervosa, para o padre Monroe, viu de relance os seus olhos rancorosos e se apressou a desviar os dela.

“Bancando a inocente, hein?”, disse o padre Monroe, olhando para o seu rebanho e esboçando um sorriso. “Quantos anos você tem, Catherine?”

“Dezesseis, padre”, respondeu a minha mãe.

“Fale mais alto. Para que as pessoas no fundo da igreja também ouçam.”

“Dezesseis, padre.”

“Dezesseis. Agora levante a cabeça e olhe para os seus próximos. Para a sua mãe e o seu pai, que sempre levaram uma vida decente, cristã, e são dignos dos pais que vieram antes deles. E para os seus irmãos, que, todos sabemos, são rapazes bons, honrados, trabalhadores e nunca desencaminharam uma menina. Você está vendendo todos eles, Catherine Goggin?”

“Sim, padre.”

“Se eu tiver de mandar você falar mais alto outra vez, dou-lhe um bofetão aqui mesmo no altar, e ninguém nesta igreja terá coragem de dizer que a culpa é minha.”

“Sim, padre”, repetiu ela, agora mais alto.

“‘Sim.’ Essa há de ter sido a única vez que você disse esta palavra numa igreja, entende, mocinha? Para você, não haverá casamento. Vejo que está com as mãos na barriga gorda. Tem algum segredo escondido aí dentro?”

Agora um arquejo nos bancos. Era o que a congregação suspeitava, claro — que outra coisa podia ser? —, mas esperava confirmação. Amigos e inimigos trocaram rápidos olhares, todos já preparando conversas mentalmente. Os Goggin, diriam. *Eu não esperava outra coisa dessa família. Ele mal sabe escrever o próprio nome num pedaço de papel e ela é uma esquisitona.*

“Eu não sei, padre”, disse a minha mãe.

“Não sabe. Claro que não. Será que você é uma vadiazinha ignorante sem mais noção do que um coelho numa gaiola? E de moral igual, diga-se de passagem. E todas as moças aí”, gritou o sacerdote, voltando-se para olhar para a gente de Goleen, toda imobilizada nos bancos quando ele apontou para as garotas. “Vocês devem olhar bem para Catherine Goggin e aprender o que acontece com as moças que não se importam com a virtude. Acabam assim: com um filho na barriga e sem marido para cuidar dele nem dela.”

Um rumor inundou a igreja. Sabia-se de uma garota que engravidara no ano anterior em Sherkin Island. Foi um escândalo maravilhoso. Tinha acontecido a mesma coisa em Skibbereen no penúltimo Natal. Então Goleen ficaria com o mesmo estigma vergonhoso? Nesse caso, a notícia já teria corrido toda West Cork à hora do chá.

“Agora, Catherine Goggin”, continuou o padre Monroe, pousando a mão no ombro dela e apertando com força o osso entre os dedos. “Perante Deus, a sua família e toda a boa gente desta paróquia, você vai dizer o nome do rapazinho que dormiu com você. Diga o nome agora para que ele confesse e seja perdoado perante os olhos do Senhor. E, depois disso, você vai sair desta igreja e desta paróquia e nunca mais voltará a sujar o nome de Goleen, está ouvindo?”

Ela ergueu a vista e se voltou para o meu avô, cujo rosto estava como de granito, os olhos fitos na imagem de Jesus crucificado pendurada no altar.

“O pobre do seu pai não pode ajudá-la”, disse o padre, acompanhando a direção do seu olhar. “Por certo, não quer mais saber de você. Foi o que ele mesmo disse ontem à noite quando veio ao presbitério dar a notícia vergonhosa. E que ninguém culpe Bosco Goggin por isso, porque ele criou muito bem os filhos, criou-os com valores católicos, e quem pode responsabilizá-lo por uma maçã podre num barril cheio de maçãs boas? Diga já o nome do rapaz, Catherine, diga o nome para que a gente jogue você na rua e nunca mais tenha de olhar para a sua cara imunda. Ou por acaso não sabe o nome dele, é isso? Será que foram tantos que você não tem certeza?”

Ouviu-se um surdo murmúrio de insatisfação nos bancos. Mesmo em meio ao diz que diz, a congregação sentiu que o pároco tinha ido longe demais, pois implicava todos os rapazes na imoralidade. O padre Monroe, que tinha feito centenas de sermões naquela igreja durante duas décadas e sabia muito bem interpretar os fiéis, recuou um pouco.

“Não”, disse. “Não, eu sei que ainda há um vestígio de decência em você e que foi só um rapaz. Mas você vai me dar o nome dele agora, Catherine Goggin, ou eu quero saber o motivo.”

“Não vou”, disse a mamãe, sacudindo a cabeça.

“O que significa isso?”

“Não vou”, repetiu ela.

“Não vai dizer? O tempo da timidez já passou, você não percebe, não? O nome, mocinha, do contrário eu juro diante da cruz que a escorraço desta casa de Deus na vergonha.”

A minha mãe ergueu os olhos e esquadrihou a igreja. Foi como um filme, contou-me depois, todo mundo com a respiração suspensa, curioso por saber para quem ela apontaria o dedo acusador, cada mãe a rezar para que não fosse o seu filho. Ou, pior, o seu marido.

Ela abriu a boca e deu a impressão de estar prestes a responder, mas mudou de ideia e sacudiu a cabeça.

“Não vou dizer”, repetiu em voz baixa.

“Então desapareça de uma vez”, disse o padre Monroe e, em seguida, se colocou atrás dela e lhe aplicou uma violenta botinada no traseiro, fazendo-a tropeçar nos degraus do altar, as mãos estendidas à frente, pois, mesmo naquele estágio precoce do meu desenvolvimento, ela queria me proteger a qualquer custo. “Fora daqui, sua rameira, e fora de Goleen, e leve a sua infâmia para bem longe. Em Londres, há casas construídas para gente da sua laia, com camas em que você pode se jogar de costas, abrir as pernas para qualquer um e satisfazer a sua depravação.”

A congregação suspirou com horrorizado prazer ao ouvir tais palavras, os adolescentes excitados com a ideia, e, quando ela se levantou do chão, o padre tornou a avançar e, agarrando-lhe o braço, arrastou-a pela nave da igreja, a baba a lhe escorrer até o queixo, o rosto vermelho de indignação, e talvez a sua excitação fosse até visível para quem sabia onde procurar. A minha avó olhou ao redor, mas o meu avô lhe deu uma cotovelada no braço e ela voltou a olhar para a frente. O tio Eddie, o mais novo dos seis e o mais próximo da idade da minha mãe, se levantou e gritou, “Ah, parem com isso, agora chega”, e, no mesmo instante, o meu avô se levantou de um salto e o derrubou com um soco no queixo. A minha mãe não viu mais nada depois disso, quando o padre Monroe a jogou no adro, lá fora, deu-lhe uma hora para sair do vilarejo e disse que, a partir daquele dia, o nome de Catherine Goggin nunca mais seria ouvido nem pronunciado na paróquia de Goleen.

Ela me contou que ficou alguns minutos estendida no chão, sabendo que a missa ainda ia durar mais de meia hora, então se levantou e tomou o rumo de casa, onde já sabia que uma mala pronta a esperava diante da porta da rua.

“Kitty.”

Uma voz às suas costas a fez dar meia-volta e ela se surpreendeu ao deparar com o meu pai se aproximando, nervoso. Tinha-o visto na última fila, é claro, quando o padre a arrastou para a porta, e ele pelo menos deu a impressão de estar envergonhado.

“Não basta o que você já fez?”, ela perguntou, levando a mão à boca e afastando-a para examinar o sangue que lhe manchou as unhas mal apadradas.

“Não era isso que eu queria, de jeito nenhum”, disse ele. “Lamento o seu problema, palavra que lamento.”

“O meu problema? Num mundo diferente, o problema seria nosso.”

“Ah, pare com isso, Kitty”, pediu o meu pai, usando o apelido pelo qual a chamava desde a infância. “Não seja assim. Tome”, acrescentou, estendendo-lhe duas verdes libras irlandesas. “Isso vai ajudar você a começar a vida em outro lugar.”

Ela olhou para as cédulas um momento, depois as ergueu no ar e as rasgou lentamente bem no meio.

“Ah, Kitty, não há necessidade de...”

“Por mais que digam o contrário lá dentro, eu não sou puta”, disse ela, amassando as notas e jogando-as aos pés dele. “Pegue o seu dinheiro. Cole-o com um pedaço de fita adesiva e compre um bonito vestido no aniversário da tia Jean.”

“Nossa, Kitty, baixe a voz, pelo amor de Deus!”

“Você não vai ouvir minha voz nunca mais”, disse ela, tomando o caminho de casa, de onde seguiria para embarcar no ônibus do fim da tarde para Dublin. “Boa sorte para você.”

E, com isso, despediu-se de Goleen, a sua terra natal, que ela só voltaria a ver mais de sessenta anos depois, quando esteve comigo naquele mesmo adro procurando entre as lápides os restos da família que a expulsou.

PASSAGEM SÓ DE IDA

A minha mãe tinha economias, é claro: algumas libras guardadas nos últimos anos num pé de meia na gaveta da cômoda. Uma tia idosa, falecida três anos antes da sua desgraça, dava-lhe alguns centavos em troca de pequenos serviços, e eles se acumularam com o tempo. E ainda restava parte do dinheiro da sua comunhão e mais um pouco da crisma. Ela nunca tinha sido perdulária. Não precisava de quase nada, e as coisas das quais podia ter gostado, nem sabia que existiam.

Como previra, a mala estava à sua espera quando chegou em casa, muito bem arrumada e apoiada junto à porta, o casaco e o chapéu em cima. Mamãe deixou essas duas peças no braço do sofá porque eram velhas, e a roupa de domingo que vestia por certo seria bem mais útil em Dublin. Abrindo-o agora, examinou o pé de meia e lá estava ele, o segredo tão cuidadosamente escondido como o dela própria havia estado até a noite da véspera, quando a sua mãe entrou no quarto sem bater e a encontrou

diante do espelho, a blusa aberta, acariciando a barriga convexa com um misto de pavor e fascínio.

No seu lugar em frente à lareira, o cachorro velho olhou para ela e bocejou demoradamente, mas não correu ao encontro da garota abanando o rabo como de costume, pedindo um afago ou um elogio.

Mamãe foi ao seu quarto e o examinou pela última vez em busca de alguma coisa que talvez quisesse levar consigo. Havia livros, é claro, mas já tinha lido todos e não faltaria o que ler quando chegasse ao seu destino. Uma pequena imagem de porcelana de santa Bernadete estava no criado-mudo e, por nenhum motivo sensato que lhe ocorresse, a não ser irritar os pais, ela virou o rosto da santa para a parede. Também avistou uma caixinha de música, originalmente da sua mãe, na qual guardava lembranças e tesouros, e começou a vasculhá-la enquanto a bailarina rodopiava e a caixa soltava um acorde de *La Esmralda* de Pugni, mas logo decidiu que aquelas coisas pertenciam a uma vida diferente e a fechou com firmeza, a dançarina a se dobrar à altura da cintura antes de desaparecer de vez.

E tudo bem, pensou ao sair da casa pela última vez e ir até o correio, onde ficou sentada na relva seca até que um ônibus chegou e ela escolheu um assento na traseira e com a janela aberta e, durante toda a viagem, tratou de respirar regularmente para vencer a náusea no terreno pedregoso, entrando em Ballydehob e passando por Leap, seguindo para Bandon e Innishannon e enfim virando para o norte e chegando à própria Cork, lugar que nunca visitara, mas que o seu pai dizia que era infestado de jogadores, protestantes e beberrões.

Por dois centavos, tomou uma tigela de sopa de tomate e uma xícara de chá num café do Lavitt's Quay e então seguiu pela margem do rio Lee até Parnell Place, onde comprou passagem para Dublin.

"Ida e volta?", perguntou o motorista, vasculhando a carteira à procura de troco. "Sai mais barato se a senhora for voltar."

"Eu não vou voltar", respondeu ela, pegando a passagem e guardando-a cuidadosamente na bolsa, pois sentia que era preciso preservar aquele item, uma lembrança de papel com a data do início da sua nova vida estampada em tinta muito preta.

DE PERTO DE BALLINCOLLIG

Outra pessoa teria ficado assustada ou chateada quando o ônibus saiu da estação e iniciou a viagem para o norte, mas não a minha mãe, que tinha

a firme convicção de que os dezesseis anos que havia passado em Goleen, sendo menosprezada, tratada com desdém ou como menos importante que qualquer um dos seis irmãos, a tinham levado àquele momento de independência. Por jovem que fosse, já estabelecera uma paz incômoda com o seu estado, que, contou-me depois, havia descoberto pela primeira vez no armazém de David Talbot, na rua principal, parada junto a uma pilha de caixas de laranjas frescas, quando sentiu o meu pé ainda em formação pressionar-lhe a bexiga, um mero espasmo de desconforto que podia ser qualquer coisa, mas que ela soube imediatamente que enfim viria a ser eu. Não cogitou nenhum aborto clandestino, muito embora algumas moças do vilarejo falassem muito numa viúva de Tralee que fazia coisas terríveis com sais de Epsom, sacos de borracha a vácuo e um fórceps. Por seis shillings, diziam, você entra na casa dela e, horas depois, sai com um ou dois quilos a menos. Não, ela sabia exatamente o que fazer quando eu nascesse. Só precisava esperar a minha chegada para executar o seu Grande Plano.

O ônibus de Dublin estava quase lotado e, na primeira parada, subiu um rapaz com uma surrada mala parda e olhou para os poucos lugares ainda vagos. Quando ele parou momentaneamente ao seu lado, a minha mãe sentiu um par de olhos a penetrarem, mas não teve coragem de se virar e encará-lo, pois podia ser um conhecido da família que já estava informado da sua vergonha e só precisava ver a cara dela para fazer um comentário cáustico. Mas o rapaz não disse nada e, pouco depois, seguiu para o fundo. Só quando o ônibus já havia percorrido uns oito quilômetros foi que voltou para onde ela estava e apontou para o assento vazio ao seu lado.

“A senhora dá licença?”

“O senhor já não tem lugar lá atrás?”, perguntou ela, olhando de relance para a traseira do ônibus.

“É que o sujeito ao meu lado resolveu comer sanduíches de ovo, e o cheiro é de virar o estômago.”

A minha mãe deu de ombros, afastou o casaco do assento e aproveitou para olhar rapidamente para ele. Estava com um terno de tweed, a gravata frouxa no colarinho e um boné que tirou e prendeu entre as mãos. Alguns anos mais velho, decidiu a mamãe, dezoito ou dezenove talvez, e, embora ela fosse o que naquele tempo chamavam de “uma beldade”, a combinação da gravidez com os acontecimentos dramáticos daquela manhã não lhe deixou a menor disposição para flertar. Muitas vezes, os rapazes do vilarejo tentaram iniciar um romance com ela, é claro, mas não lhe despertaram o interesse, coisa que lhe valeu uma reputação de virtude

agora destroçada. Havia garotas das quais se dizia que bastava um estimulozinho para que fizessem, mostrassem ou beijassem alguma coisa, mas Catherine Goggin nunca fora uma delas. Aqueles rapazes ficariam chocados, ela se deu conta, quando soubessem da sua desgraça, e alguns deles lamentariam não ter se empenhado mais em seduzi-la. Na sua ausência, diriam que a minha mãe sempre tinha sido à toa, e isso a incomodava muito, pois ela e a pessoa que a imaginação sórdida daquela gente inventaria nada teriam em comum, a não ser o nome.

“Dia manso apesar de tudo”, disse o rapaz ao seu lado.

“Como é que é?”, perguntou ela, voltando-se para encará-lo.

“Eu disse que foi um dia manso. Nada ruim para esta época do ano.”

“É, acho que sim.”

“Ontem choveu e, hoje de manhã, o céu estava carregado. Mas, veja, não choveu nem um pouco. O tempo está ótimo.”

“O senhor se interessa pelo tempo, não é?”, perguntou ela, ouvindo o tom sarcástico da sua própria voz, mas sem se importar.

“Fui criado numa fazenda”, contou o rapaz. “Para mim, é a segunda natureza.”

“Eu também. O meu pai passou a metade da vida olhando para o céu ou farejando o ar do fim da tarde para saber o que esperar no dia seguinte. Dizem que chove o tempo todo em Dublin. O senhor acredita?”

“Acho que logo a gente vai descobrir. A senhora vai até o fim?”

“Como?”

O rapaz corou da base do pescoço até a ponta das orelhas, e a velocidade da transformação a fascinou. “Até Dublin”, apressou-se a dizer. “Vai até Dublin ou pretende desembarcar numa das paradas?”

“O senhor quer o meu lugar à janela? É isso? Porque pode sentar aqui se quiser. Eu não faço questão.”

“Não, de jeito nenhum. Eu perguntei por perguntar. Estou bem aqui. Quer dizer, a menos que a senhora também resolva comer sanduíche de ovo.”

“Eu não tenho nada de comer”, contou mamãe. “Bem que eu gostaria.”

“Eu tenho meio presunto assado na mala. Posso cortar uma fatia se a senhora quiser.”

“Não posso comer no ônibus. Me dá enjoo.”

“Posso saber o seu nome?”, perguntou o moço, e a minha mãe hesitou.

“Algum motivo para querer saber?”

“Para poder chamar você pelo nome.”

A minha mãe o encarou e, pela primeira vez, notou o quanto era bonito. Cara de menino, contou-me depois. Pele lisa que nunca sentiu o raspar de uma navalha. Cílios compridos. Cabelo loiro que lhe caía na testa e nos olhos por mais que ele tentasse domá-lo. Algo no jeito dele a fez acreditar que aquele garoto não era de modo algum uma ameaça, e ela enfim cedeu, baixou a guarda.

“Catherine. Catherine Goggin.”

“Prazer em conhecê-la. Eu sou Seán MacIntyre.”

“Você é da cidade, Seán?”

“Não, sou de perto de Ballincollig. Conhece?”

“Já ouvi falar, mas nunca estive lá. Na verdade, nunca estive em lugar nenhum.”

“Bom, agora está indo a um lugar. À cidade grande.”

“Pois é, estou.” Mamãe se virou para a janela e viu os campos por que iam passando e as crianças trabalhando nos montes de feno que começaram a acenar aos pulos quando viram o ônibus na estrada, vindo na direção delas.

“Você vai e volta muito?”, quis saber Seán pouco depois.

“Eu o quê?”

“A Dublin”, Seán levou a mão ao rosto perguntando-se, talvez, por que tudo quanto ele dizia saía errado. “Você vai e volta muito pela estrada? Tem família lá?”

“Eu não conheço ninguém fora de West Cork. O lugar é um mistério para mim. E para você?”

“Eu nunca estive em Dublin, mas um amigo meu foi para lá faz um mês e logo arranjou emprego na cervejaria Guinness e disse que também tem uma vaga para mim se eu quiser.”

“Os garotos passam o tempo todo bebendo o que ganham?”

“Ah, não, é claro que ali tem regras, sabe. Chefes etc. Caras fazendo a ronda para não deixar ninguém bebericar a cerveja preta. Mas o meu amigo diz que o cheiro do lugar deixa todo mundo meio louco. O lúpulo, a cevada, a levedura e tudo. Diz que a gente sente o cheiro nas ruas próximas e que as pessoas do bairro andam o dia todo com ar apalermado.”

“Provavelmente vivem bêbadas. E sem gastar um centavo.”

“O meu amigo diz que o empregado novo demora uns dias para se acostumar com o cheiro da fábrica e, até lá, se sente bem doente.”

“O meu pai gosta de cerveja Guinness”, disse a minha mãe, recordando o gosto amargo das garrafas de rótulo amarelo que o meu avô de vez

em quando levava para casa e que ela uma vez provou quando ele não estava vendo. "Vai ao pub toda noite de quarta e de sexta-feira. Sem falta. Nas quartas, limita-se a três canecas com os amigos e volta para casa a uma hora respeitável, mas nas noites de sexta, enche a cara. Geralmente volta às duas da madrugada, acorda a minha mãe e a manda cozinar um prato de salsichas e um bom chouriço e, quando ela diz não, ele a ameaça com os punhos."

"Para o meu pai, toda noite era de sexta-feira", disse Seán.

"É por isso que você quer ir embora?"

Ele deu de ombros. "Em parte", disse depois de uma longa pausa. "Aconteceram uns problemas lá em casa, para ser franco. Era melhor eu dar o fora."

"Que problemas?", indagou ela, intrigada.

"Sabe, eu prefiro esquecer tudo isso, se você não se importa."

"Claro que não. Mesmo porque não é da minha conta."

"Não foi isso que eu quis dizer."

"Eu sei que não. Tudo bem."

Seán fez menção de dizer mais alguma coisa, mas um garotinho correndo pelo corredor lhes chamou a atenção. Estava com um cocar de índio e emitia os sons correspondentes, uma gritaria de dar dor de cabeça num surdo. O motorista deu um berro e disse que, se não controlassem aquele menino, ele ia dar meia-volta e largar todo mundo em Cork, sem reembolso.

"Mas e você, Catherine?", perguntou Seán quando tudo se acalmou de novo. "Por que você está indo para a capital?"

"Se eu contar", disse a minha mãe, que, de certo modo, sentiu que podia confiar naquele desconhecido, "você promete não me dizer nada cruel? Hoje eu ouvi um monte de coisas desagradáveis e a verdade é que já não tenho força para ouvir mais."

"Eu procuro nunca dizer coisas desagradáveis."

"Eu vou ter um bebê", contou a minha mãe, olhando-o nos olhos e sem nenhuma vergonha. "Vou ter um bebê e não tenho marido que me ajude a criá-lo. E houve uma verdadeira guerra por causa disso, é claro. Os meus pais me expulsaram de casa e o padre me mandou embora de Goleen para eu nunca mais macular o lugar."

Seán balançou a cabeça, mas, desta vez, apesar da delicadeza do assunto, não corou. "Essas coisas acontecem, imagino", disse. "Ninguém é perfeito."

“Este aqui é”, afirmou a minha mãe, apontando para a barriga. “Pelo menos por enquanto.”

Seán sorriu e olhou para a frente, e, depois disso, os dois passaram um bom tempo calados e talvez tenham cochilado ou quem sabe um deles fechou os olhos para dar essa impressão e poder ficar a sós com os seus pensamentos. Em todo caso, havia passado mais de uma hora quando a minha mãe, novamente desperta, virou-se para o vizinho e lhe tocou de leve o antebraço.

“Você sabe alguma coisa de Dublin?”, perguntou. Talvez ela tivesse enfim se dado conta de que não tinha ideia do que fazer nem de aonde ir quando chegassem.

“Eu sei que é onde fica a Dáil Éireann* e que o rio Liffey passa pelo centro dela e que a loja de departamentos Clerys fica numa rua grande e comprida com o nome de Daniel O’Connell.”

“Claro, todos os municípios da Irlanda têm uma rua com o nome dele.”

“É verdade. Assim como têm uma rua do Comércio. E uma rua Principal.”

“E uma rua da Ponte.”

“E uma rua da Igreja.”

“Deus nos livre de qualquer rua da Igreja”, riu a minha mãe, e Seán também achou graça, um par de garotos rindo da sua própria irreverência. “Eu vou para o inferno por causa disso”, acrescentou ela quando pararam de rir.

“Claro, nós todos vamos para o inferno”, disse Seán. “Eu mais do que os outros.”

“Por que mais do que os outros?”

“Porque eu sou um sujeito ruim”, disse ele com uma piscadela, e a minha mãe tornou a rir e sentiu vontade de ir ao banheiro, perguntando-se quanto tempo levaria para que o ônibus parasse em algum lugar. Depois ela me contou que aquele foi o único momento, durante a viagem, em que sentiu algo parecido com atração por Seán. No íntimo, fantasiou brevemente que eles sairiam do ônibus já namorados, se casariam dali a um mês e me criariam como se eu fosse filho dos dois. Um bonito sonho, imagino, mas isso jamais aconteceria.

* Dáil Éireann, a Câmara Baixa do Parlamento irlandês. [Esta e as demais notas chamadas por asterisco são do tradutor.]

“Você não me parece um sujeito ruim.”

“Ah, você precisa ver quando eu começo.”

“Não vou esquecer. Mas fale nesse seu amigo. Há quanto tempo você disse que ele está em Dublin?”

“Há pouco mais de um mês”, respondeu Seán.

“E você o conhece bem?”

“Conheço, sim. Nós nos conhecemos há alguns anos quando o pai dele comprou a fazenda vizinha da nossa e, desde então, somos grandes amigos.”

“Devem ser mesmo, se ele arranjou emprego para você. A maioria das pessoas só pensa em si.”

Seán fez que sim e olhou para o chão, depois para as unhas, depois pela janela. “Portlaoise”, disse, reparando numa placa que passava. “Em todo caso, estamos chegando perto.”

“Você tem irmãos ou irmãs que vão ficar com saudade?”

“Não. Sou filho único. Depois que eu nasci, a minha mãe não pôde mais ter filhos, e isso o meu pai nunca perdoou. Ele vive pulando a cerca. Tem várias amantes e ninguém nunca diz nada porque o padre avisou que todo homem espera que a mulher encha a casa de crianças e que terreno estéril não dá planta.”

“Eles são uns amores, não são?”, comentou a minha mãe, e Seán enrugou a testa. Apesar da sua irreverência, não estava acostumado a zombar do clero. “Eu tenho seis irmãos”, contou ela pouco depois. “Deles, cinco têm palha na cabeça no lugar do cérebro. O único de que eu gosto, o meu irmão mais novo, quer ser padre.”

“Que idade ele tem?”

“Um ano a mais que eu. Dezessete. Vai entrar no seminário em setembro. Duvido que seja feliz, porque eu tenho certeza de que ele é louco por garotas. Mas é o mais novo, entende, e já foi feita a partilha da fazenda entre os dois primeiros, e os outros dois vão ser professores, e o quinto não é capaz de trabalhar por causa de uma deficiência mental, de modo que só resta Eddie e o padre tem de ser ele. Todo mundo está bem ouriçado com isso, é claro. Creio que agora vou perder tudo”, acrescentou com um suspiro. “As visitas, as roupas e a ordenação pelo bispo. Acha que eles deixam uma mulher perdida escrever cartas para o irmão seminarista?”

“Eu não sei nada dessa vida”, disse Seán, sacudindo a cabeça. “Posso fazer uma pergunta, Catherine? Você pode me mandar às favas se não quiser responder.”

“Faça.”

“O pai não quer assumir a responsabilidade pelo... sabe... pelo bebê?”

“Que nada”, disse a minha mãe. “Está feliz da vida porque eu parti.

Haveria um assassinato se alguém descobrisse quem é o pai.”

“E você não está com medo?”

“Do quê?”

“De enfrentar isso sozinha?”

A minha mãe sorriu. Seán era inocente e bom e talvez um pouco ingênuo, e, no fundo, ela se perguntava se uma cidade grande como Dublin era o melhor lugar para um sujeito como ele. “Claro que eu estou com medo. Estou com muito medo. Mas também estou entusiasmada. Detesto morar em Goleen. Para mim, nada melhor do que sair de lá.”

“Eu conheço esse sentimento. West Cork faz coisas esquisitas com quem passa muito tempo lá.”

“Qual é o nome do seu amigo afinal? O da Guinness?”

“Jack Smoot.”

“Smoot?”

“É.”

“Que nome esquisito.”

“A família dele tem holandeses, acho. Ancestrais, sabe?”

“Você acha que ele arranja emprego para mim também? Talvez eu possa trabalhar no escritório.”

Seán desviou a vista e mordeu o lábio. “Não sei”, disse lentamente. “Vou ser sincero com você: eu não gostaria de pedir, já que ele teve o trabalho de achar colocação para mim e para ele em pouquíssimo tempo.”

“Claro”, disse a minha mãe. “Eu fiz mal em pedir. É óbvio que eu mesma posso ir até lá um dia, se não aparecer nada. Vou mandar fazer um cartaz e pendurá-lo no pescoço. *Moça honesta procura trabalho. Vai ter de ficar algum tempo de licença daqui a uns quatro meses.* Eu não devia brincar com isso, não acha?”

“Você não tem nada a perder, imagino.”

“Você diria que há muito emprego em Dublin?”

“Eu diria que você não vai ficar muito tempo procurando. Você é uma... sabe... você é...”

“Sou o quê?”

“Bonita”, disse Seán encolhendo os ombros. “E os empregadores gostam disso, não? Você sempre pode ser balconista.”

“Balconista”, disse mamãe, balançando a cabeça lentamente, pensando na ideia.

“É, balconista.”

“Acho que sim.”

TRÊS PATINHOS

Na opinião da minha mãe, Jack Smoot e Seán MacIntyre eram diferentes como fogo e água, de modo que a surpreendeu eles serem tão bons amigos. Se Seán era extrovertido e afável a ponto de parecer inocente, Smoot era uma figura mais sombria e reticente, propenso, ela descobriria, a prolongados períodos de meditação e introspecção que, ocasionalmente, enveredavam pelo desespero.

“O mundo”, comentou ele algumas semanas depois de conhecê-la, “é um lugar terrível e a nossa desgraça foi ter nascido nele.”

“Mas está fazendo sol”, sorriu ela. “Portanto, nós contamos pelo menos com isso.”

Quando o ônibus chegou a Dublin, Seán, ao lado dela, ficou mais animado, olhando pela janela e arregalando os olhos ao ver as ruas e os prédios desconhecidos que marcaram a sua chegada, maiores e mais cheios de gente que qualquer lugar em Ballincollig. Quando o motorista estacionou no Aston Quay, ele foi o primeiro a tirar a mala do bagageiro e se inquietou por ter de esperar os passageiros à frente pegarem os seus pertences. Quando enfim desembarcou, olhou ansiosamente à sua volta até avistar, do outro lado, um homem saindo da pequena sala de espera próxima à loja de departamentos McBirney’s e indo em sua direção, coisa que o fez abrir um sorriso de alívio.

“Jack!”, gritou com a voz embargada de felicidade quando o homem um ou dois anos mais velho que ele se aproximou. Ficaram algum tempo parados um diante do outro, rindo, então trocaram um efusivo aperto de mão e Smoot, num raro momento de gracejo, tirou o boné da cabeça de Seán e o jogou para o alto com prazer.

“Então você veio mesmo”, disse.

“Você duvidava?”

“Não tinha certeza. Pensei que podia ficar plantado aqui feito o burro de O’Donovan.”

A minha mãe foi até eles feliz por estar de novo ao ar livre. Sem saber, naturalmente, que um plano tinha sido urdido em algum lugar entre New-